



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana é marcada por bateria de indicadores no Brasil e nos EUA

Na agenda econômica da semana, destaque para a prévia da inflação (IPCA-15) de janeiro, que deve sinalizar continuidade do processo de desinflação. O consenso do mercado projeta alta de 0,52% no mês, igual ao avanço de dezembro, com pressão ainda dos alimentos. Na outra ponta, os preços dos combustíveis devem seguir acomodando (queda dos preços nas refinarias), enquanto as passagens aéreas devem mostrar descompressão após a alta em função do período de férias. Em 12 meses, o índice deve desacelerar ligeiramente, de 5,90% para 5,83%. O IPCA-15 será divulgado na terça-feira (24). Ainda no âmbito da inflação, os agentes devem continuar acompanhando as importantes discussões sobre a possibilidade do aumento da meta de inflação (inclusive para os anos de 2024 e 2025, cuja meta já foi definida em 3,0%), que ajudaram a manter a deterioração das expectativas de inflação, como pode ser visto no [boletim Focus](#) divulgado hoje pelo BCB, além de elevarem os juros futuros na última semana.

A carteira de crédito deve mostrar crescimento de 13,8% em 2022, segundo estimativa da Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Este será o terceiro ano seguido de intenso crescimento, novamente liderado pelo crédito destinado às famílias, que deve fechar o ano com expansão de 17,6%, se consolidando como um importante canal para a retomada do consumo. O BC divulga a Nota de Crédito na próxima sexta-feira (27). Para mais detalhes da pesquisa, [clique aqui](#).

A semana também traz outros indicadores importantes, como o resultado fiscal do governo central de 2022, as sondagens de confiança da FGV e os números do setor externo. O Tesouro divulga o resultado do governo central de dezembro na sexta (27), cuja expectativa é de superávit de R\$ 1,5 bi no mês, encerrando 2022 com superávit primário de R\$ 53,5 bi (0,5% do PIB), o primeiro após oito anos seguidos de déficits, beneficiado pelo forte crescimento da arrecadação. Neste sentido, a Receita Federal divulgará o resultado da arrecadação de dezembro também nesta semana, que deve mostrar alta real de 8,2% em 2022. Já a FGV publica as sondagens de confiança (consumidor, construção e indústria) de janeiro, que ajudarão o mercado a calibrar o ritmo da economia neste início de ano. Quanto às contas externas, o BC informa, na quinta (26), o resultado da balança de transações correntes de dezembro, mês tipicamente negativo em função da remessa de lucros ao exterior. No ano, o déficit deve ficar em US\$ 45,0 bi, ainda em situação confortável, bem abaixo da entrada de investimento direto (IDP), que deve ter superado US\$ 80 bi.

No cenário internacional, destaque para o resultado do PIB norte-americano do 4º trimestre de 2022, que será conhecido na quinta (16), e que deve seguir em crescimento, apoiado na resiliência do consumo das famílias, porém em desaceleração. O consenso do mercado projeta alta anualizada de 2,7% (ou 0,7% na margem) no trimestre, abaixo do observado no 3T22, quando cresceu 3,2% (ou 0,8%). Caso o resultado se confirme, o PIB dos EUA terá crescido 2,1% em 2022 (ante +5,9% em 2021 e -4,6% em 2020), superando a última estimativa do FMI (+1,6%). Para 2023, contudo, as perspectivas são bem mais modestas. Por ora, o mercado ainda espera algum crescimento, estimado em 0,4% (consenso Bloomberg), embora a probabilidade de uma recessão esteja subindo, diante dos efeitos negativos do aumento das taxas de juros promovido pelo Fed para conter a inflação.

Durante a semana também serão conhecidos diversos outros indicadores de atividade nos EUA e na Zona do Euro, que devem manter a preocupação com uma possível recessão global. Na terça-feira (14) serão conhecidas as prévias de janeiro dos índices PMIs da indústria e dos serviços, para ambas as regiões, que devem seguir abaixo do nível neutro (50 pts), sugerindo contração da atividade. Ainda nos EUA, os outros destaques da semana serão as divulgações, na sexta-feira (27), dos dados de renda e gastos pessoais, além do índice de preços PCE (deflator dos gastos pessoais), todos referentes ao mês de dezembro. Na Ásia, em função do ano novo chinês, as bolsas do país permanecerão fechadas ao longo da semana.

Para ver o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado, [clique aqui](#).

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Desemprego segue recuando e pode ter fechado 2022 abaixo de 8,0%

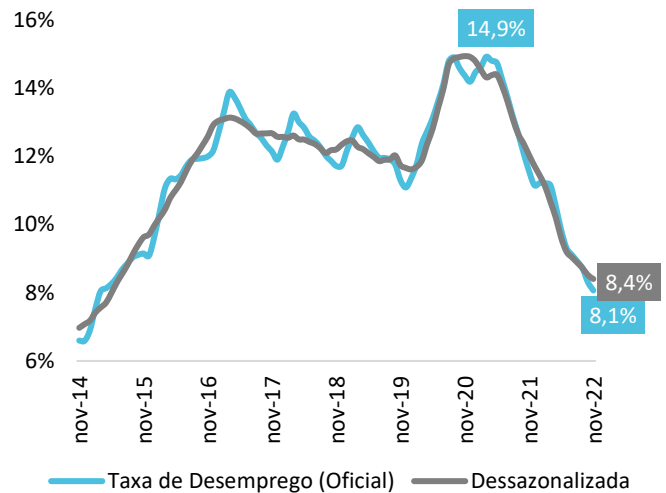
Os números do mercado de trabalho mantiveram a dinâmica positiva recente, com recuperação do emprego e da renda, embora com alguns sinais de acomodação. A taxa de desemprego, calculada pela PNAD, caiu para 8,1% no trimestre encerrado em novembro, queda de 0,9 pp ante o trimestre anterior (encerrado em agosto) e o menor patamar desde mar/15 (8,0%). Na série com ajuste sazonal, calculada pela Febraban, o recuo foi mais modesto, passando de 8,5% para 8,4%, sugerindo algum arrefecimento de tal processo, que começou no início de 2021.

A população ocupada atingiu patamar recorde da série (99,7 milhões), com alta de 0,7% no trimestre e de 5,0% em 12 meses. No trimestre, o principal impacto positivo veio do emprego com carteira assinada (+2,3% no tri e +7,5% no ano), sobretudo no setor de serviços, que tem exercido contribuição importante com a reabertura das atividades. Por outro lado, a ocupação informal tem recuado, especialmente entre aqueles que trabalham por conta própria sem CNPJ (-2,9% no tri e -4,1% no ano). Esta tendência decorre provavelmente do fato de que parte destes trabalhadores devem estar migrando para uma vaga formal (CLT), dado que o mercado se encontra mais aquecido. Com isso, a informalidade tem recuado, atingindo 38,9% (após pico de 40,1% em dez/21).

Conseqüentemente, a pesquisa mostra uma contínua queda da população desocupada, para 8,7 milhões (-29,5% na comparação anual). Ainda, o rendimento médio real da população avançou para R\$ 2.787 (+3,0% no tri e +7,2% no ano), elevando a massa salarial (+3,8% no tri e +13,0% ano), contribuindo assim para a retomada do consumo das famílias.

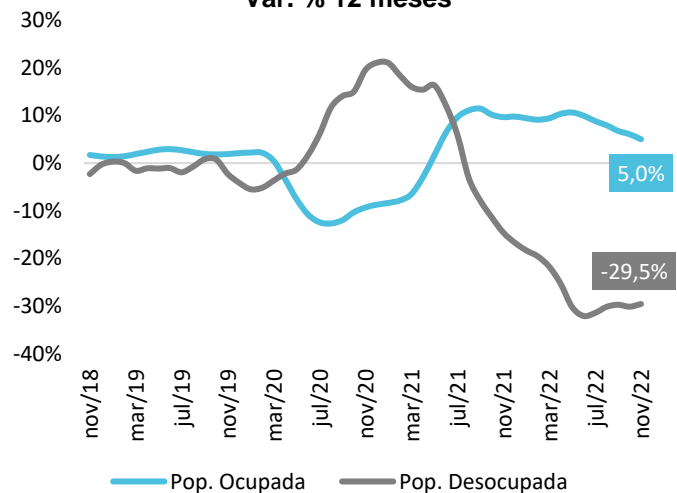
Em dezembro, a taxa de desemprego deve seguir em queda, beneficiada pela sazonalidade favorável (contratações de temporários para eventos de fim de ano), podendo ficar ligeiramente abaixo de 8,0%. Com isso, a taxa média de desemprego de 2022 deve ter ficado em 9,2%, bem abaixo do observado em 2021 (13,2%) e a menor desde 2015. Para o 1º tri de 2023, contudo, espera-se alguma reversão, com aumento da taxa de desemprego, especialmente pela sazonalidade negativa do período (demissão dos temporários). Ainda, os sinais de desaceleração da economia também devem começar a pesar negativamente e levar a uma desaceleração na geração de vagas ao longo do ano.

Quadro 1: Pnad - Taxa de Desemprego (%)



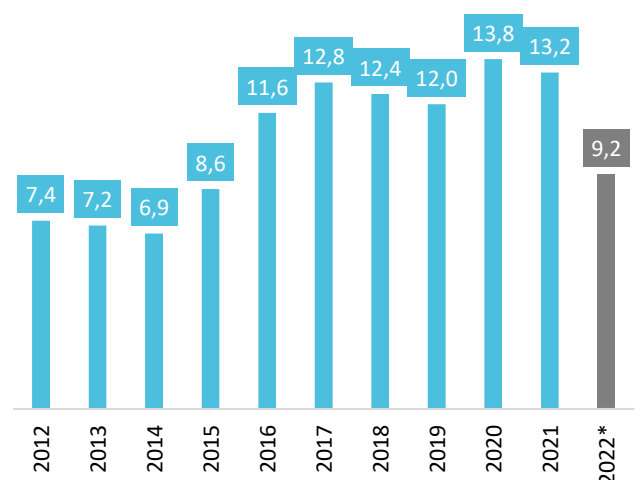
Fonte: PNAD

Quadro 2: População Ocupada e Desocupada – Var. % 12 meses



Fonte: PNAD

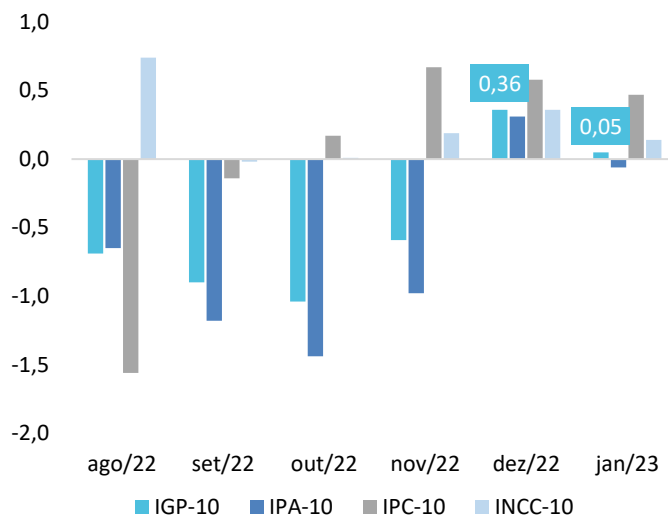
Quadro 3: Taxa Média Anual de Desemprego – %



Fonte: PNAD. * Projeção: Febraban

No campo inflacionário, a FGV informou que o IGP-10 de janeiro ficou praticamente estável (+0,05%), desacelerando ante o mês anterior (+0,36%). A perda de força do índice foi puxada pelos preços no atacado (-0,06%), com a queda nos preços dos combustíveis, em especial da gasolina (-5,31%) e do diesel (-7,15%), decorrente da redução de preços realizada pela Petrobrás para as refinarias no fim de 2022. Tal fato mais do que compensou a alta de importantes *commodities*, como o minério de ferro (+11,92%), que tem avançado com a retomada da demanda chinesa. O resultado, no entanto, mostrou uma desaceleração geral das aberturas, incluindo os preços ao consumidor e os da construção civil. Em 12 meses, o índice desacelerou para 4,27% (ante 6,08%). Com isso, o IGP-10 sugere continuidade do processo de desinflação neste início de ano.

A FGV também informou o Monitor do PIB, que mostrou ligeira alta de 0,1% em novembro. O avanço foi puxado pelo desempenho positivo da indústria e da agropecuária. Por outro lado, o setor de serviços recuou no mês, mantendo a tendência de desaceleração iniciada no 2º semestre. Portanto, o resultado do Monitor reforça a leitura de arrefecimento da atividade no final de 2022.

Quadro 4: IGP-10 e Aberturas – Var. % mensal


Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Preocupação com recessão global em 2023 volta ao centro das atenções

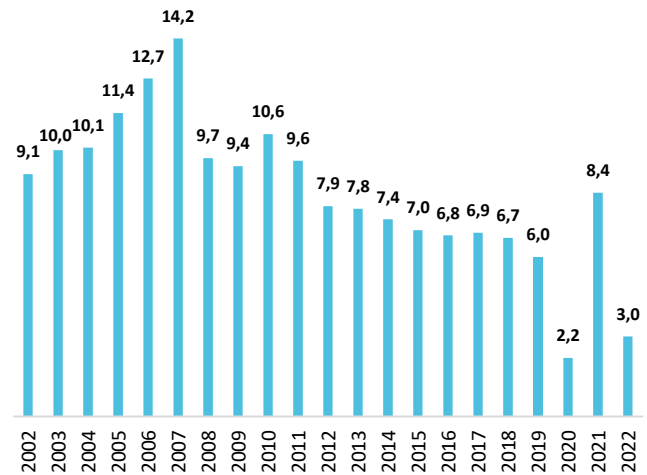
A principal preocupação dos agentes durante a semana foi com uma possível recessão global em 2023, penalizando os ativos de risco, em especial as bolsas dos EUA. Tal sentimento negativo decorreu de uma série de fatores. Em geral, os balanços corporativos das empresas norte-americanas divulgados até o momento não empolgaram e, adicionalmente, várias empresas já anunciaram planos de corte de empregos, diante do ambiente incerto. Ainda, os dados de atividade dos EUA conhecidos na última semana mostraram uma economia mais fraca que a esperada. O sentimento externado pelos participantes do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, também não foi positivo. De acordo com uma pesquisa entre os economistas-chefe no encontro, dois terços esperam por uma recessão este ano. Por fim, Christine Lagarde, presidente do BCE, alertou sobre uma possível pressão inflacionária vinda da China, após a reabertura do país, reforçando a mensagem que os BCs terão que manter as taxas de juros em patamares restritivos por mais tempo.

Quanto aos indicadores, na China, foi divulgado que o PIB cresceu apenas 3,0% em 2022, ante expansão de 8,1% em 2021, o que representa o segundo crescimento mais baixo desde o final dos anos 70, superior apenas a 2020 (+2,2%), ano inicial da pandemia. No resultado, pesaram as restrições ligadas à política de “Covid-Zero” do país, bem como o enfraquecimento do setor imobiliário em um ambiente de baixa liquidez. Para 2023, os agentes aguardam que a flexibilização das medidas sanitárias traga alguma recuperação da atividade no país, com o crescimento se aproximando de 5,0%.

Nos EUA, as leituras da produção industrial e do varejo de dezembro vieram piores que o esperado. A maior surpresa negativa veio da indústria, que recuou 0,7% no mês (expectativa -0,1%), puxada pela manufatura (-1,3%) e mineração (-0,9%). Já o varejo caiu 1,1% no mês, com forte queda na venda de combustíveis. Outros dados negativos vieram do setor imobiliário, que seguiu em queda em dezembro. Ao menos, a queda da atividade vem, em parte, aliviando a inflação. Os preços ao produtor (PPI) desaceleraram para 6,2% em dez/22 (ante 7,3%) no acumulado em 12 meses. Neste sentido, o Livro Bege mostrou que os preços estão acomodando na maioria dos distritos, porém, o mercado de trabalho segue apertado.

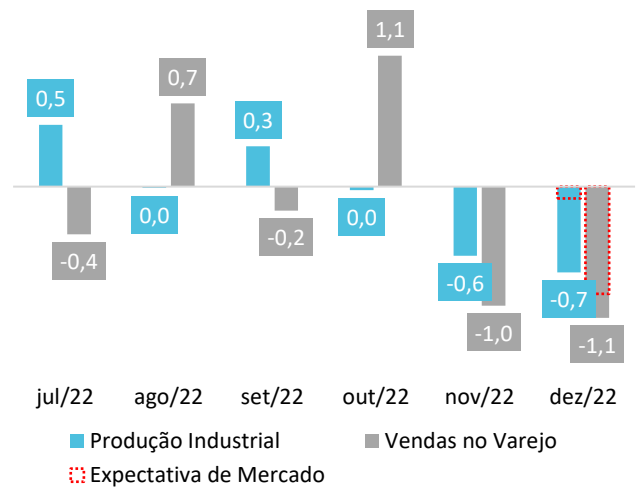
Por fim, na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) de dezembro fechou o ano em 9,2% conforme antecipado pela prévia do indicador, desacelerando ante 10,1% no mês anterior, com algum alívio dos preços de energia.

Quadro 5: China – PIB
Var. % ante o ano anterior



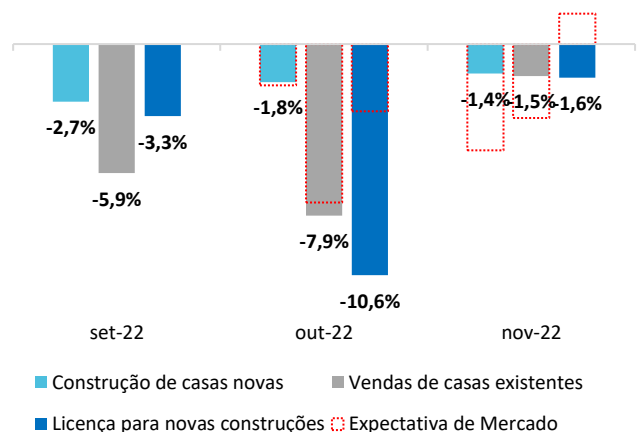
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Indicadores do Setor Imobiliário
Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve crescer 13,8% em 2022, puxado pela carteira destinada às famílias

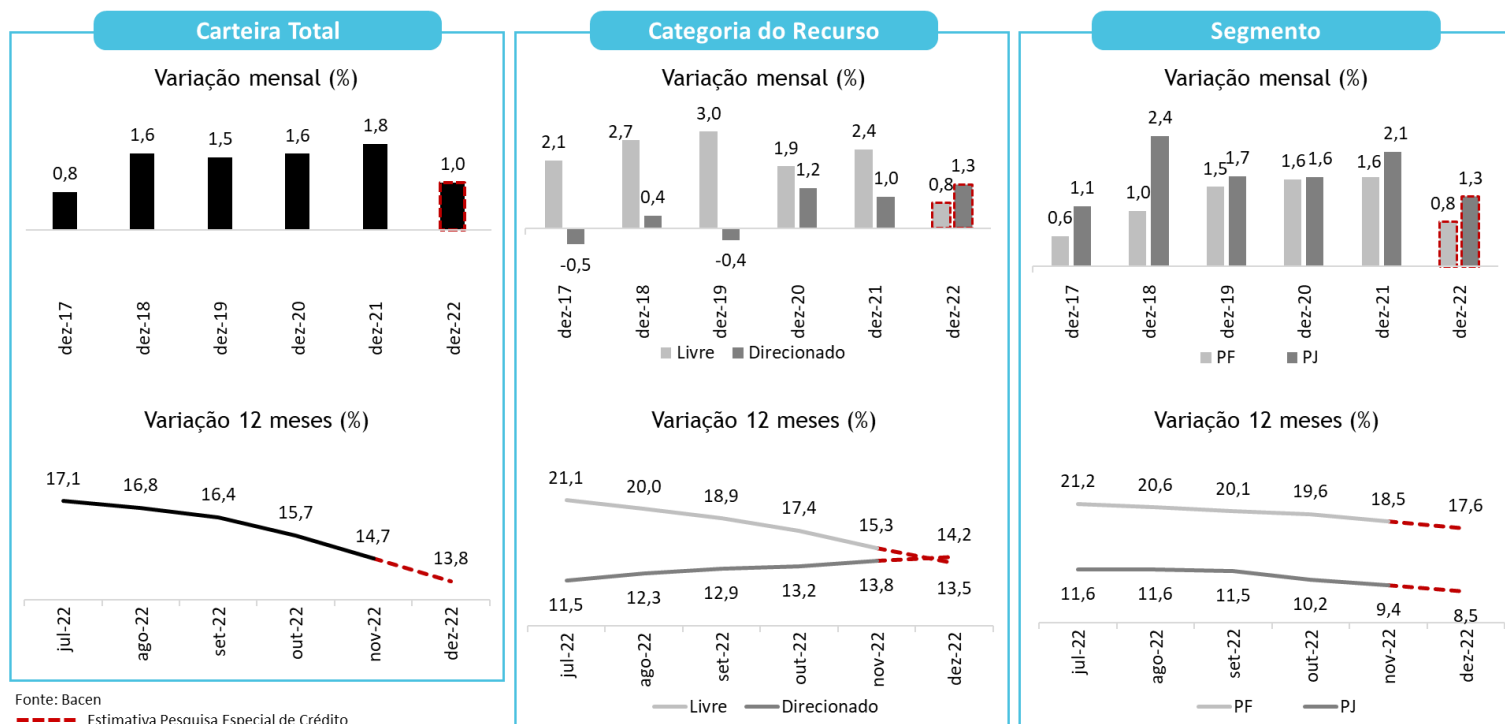
O saldo total de crédito deve registrar alta de 1,0% em dezembro, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, a carteira total deve ter crescido 13,8% em 2022, o terceiro ano de intenso crescimento, após as altas de 15,6% e 16,3% em 2020 e 2021, respectivamente.

No mês, a alta deve ser disseminada entre os segmentos, com destaque para o crédito às empresas (+1,3%), em especial na carteira com recursos livres (+1,4%), beneficiada pelas compras no final de ano, enquanto a estimativa para a carteira direcionada é de alta de 1,1%. No crédito às famílias (+0,8%), a carteira direcionada deve crescer 1,5% em dezembro, impulsionada pelo crédito rural, enquanto a carteira livre deve mostrar uma alta mais modesta, de 0,3%, refletindo a acomodação do consumo e a redução típica do saldo em linhas rotativas, devido ao recebimento do 13º salário pelos trabalhadores.

De toda forma, o crescimento do saldo de crédito em 2022 foi novamente liderado pelo crédito PF, que deve fechar o ano com expansão de 17,6%, se consolidando como um importante canal para a retomada do consumo das famílias. A carteira destinada às empresas também deve mostrar crescimento relevante no ano, de 8,5%, impulsionada pelos programas públicos de crédito às MPMEs, enquanto as grandes empresas têm migrado para o mercado de capitais.

Apesar de mais um forte resultado no ano, o ritmo de crescimento anual da carteira tem perdido ímpeto nos últimos meses, refletindo uma conjunção de fatores, como o arrefecimento da atividade, inflação ainda elevada, condições financeiras mais restritivas (elevação da Selic), além do aumento da inadimplência. Tais fatores devem seguir pesando e levar a uma menor expansão do crédito em 2023. Neste sentido, em outra pesquisa divulgada recentemente pela Febraban, os bancos participantes estimaram avanço de 8,2% da carteira em 2023.

Quadro 8: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta que estas devem apresentar crescimento mensal de 3,5% em dezembro, abaixo da média histórica do período (que é tipicamente positivo em função dos eventos de final de ano). Ajustando pelo número de dias úteis no mês, a estimativa é de uma queda de 5,9%, reforçando os sinais de desaceleração do ritmo de expansão do crédito ao longo de 2023, diante da deterioração do cenário econômico.

Contudo, o crescimento do volume total de concessões em 2022 foi bastante positivo, tendo encerrado o ano com alta de 19,7%, segundo nossas estimativas.

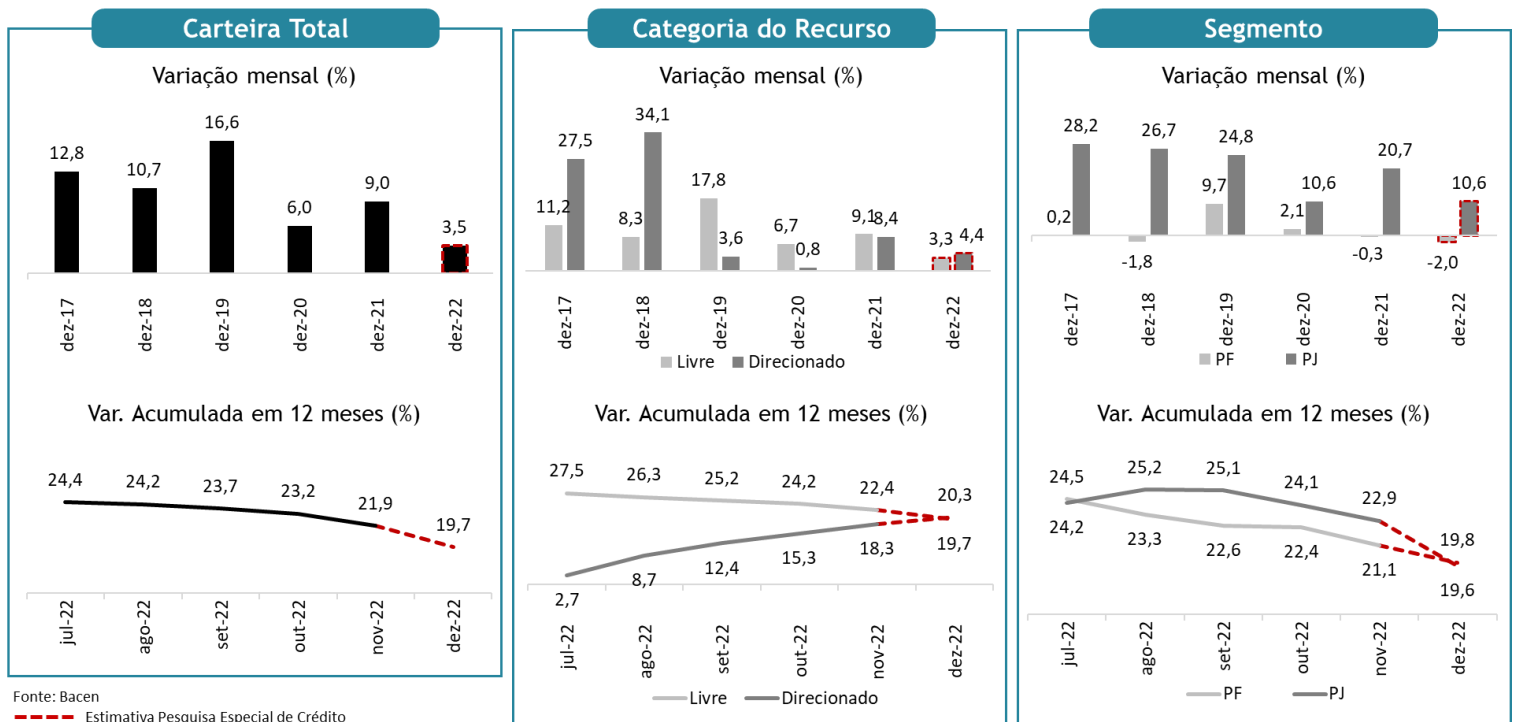
No ano, o forte crescimento é visto tanto nas operações livres (+19,7%) quanto nas direcionadas (+20,3%), embora com dinâmicas distintas. De um lado, as operações direcionadas

ganharam tração no final do ano com a nova rodada dos programas públicos. Do outro, as operações livres têm mostrado algum arrefecimento já há alguns meses, em linha com a perda de ímpeto da atividade, elevação da Selic, dentre outros fatores. Ainda assim, estas apresentam resultados expressivos, especialmente nas concessões com recursos livres às famílias, cujo volume se encontra na máxima histórica.

A Nota de Política Monetária e Crédito será divulgada pelo Banco Central na próxima sexta-feira, 27 de janeiro.

Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 9: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Dez/22

CRÉDITO / BANCOS

O mercado de capitais doméstico registrou R\$ 75,5 bilhões em novas emissões em dezembro, conforme divulgado pela Anbima. O número representa uma alta expressiva (+240,0%) ante o mês anterior (R\$ 22,2 bi), ficando apenas abaixo do volume captado em julho (R\$ 81,4 bi). Tal resultado levou o volume captado durante o ano a R\$ 543,8 bi, o que corresponde a uma queda de 10,9% ante 2021.

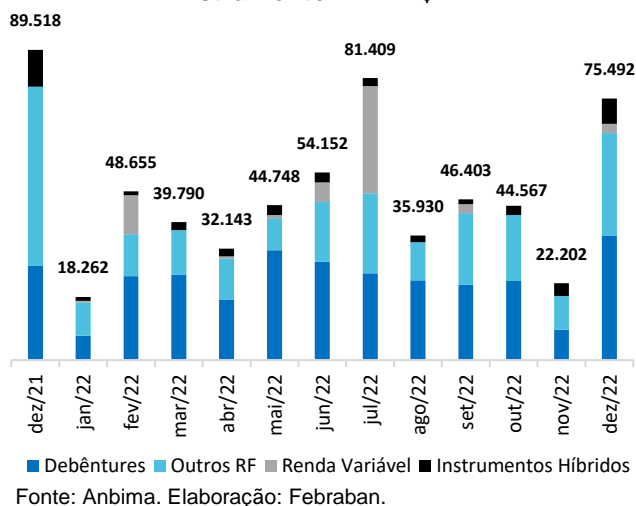
Em dezembro, o mercado de capitais seguiu com suas captações concentradas nos instrumentos de renda fixa (87% do total), com forte alta ante os volumes de novembro. As debêntures cresceram 306,9% no mês, totalizando R\$ 36,0 bi, enquanto os demais instrumentos aumentaram em 204,1%, atingindo captação de R\$ 29,5 bi no mês, com destaque para as notas comerciais (R\$ 11,2 bi), CRIs (R\$ 9,1 bi) e FIDCs (R\$ 7,1 bi). Uma novidade foi a presença dos Certificados de Recebíveis (CRs), cujas emissões totalizaram R\$ 100 milhões. O instrumento tem como objetivo elevar o acesso de empresas menores (além dos setores agrícola ou imobiliário) ao mercado de capitais.

Com isso, as operações de renda fixa atingiram R\$ 270,9 bi em 2022, alta de 6,6% no ano, com destaque positivo para os CRAs (+62,4%), CRIs (+48,5%) e Notas Comerciais, que começaram a ser emitidas em nov/21, e já atingiram volume de R\$ 43,2 bi em 2022. Já as debêntures cresceram 8,2% no ano, e atingiram o recorde da série histórica (2011), mesmo com dados já ajustados pela inflação.

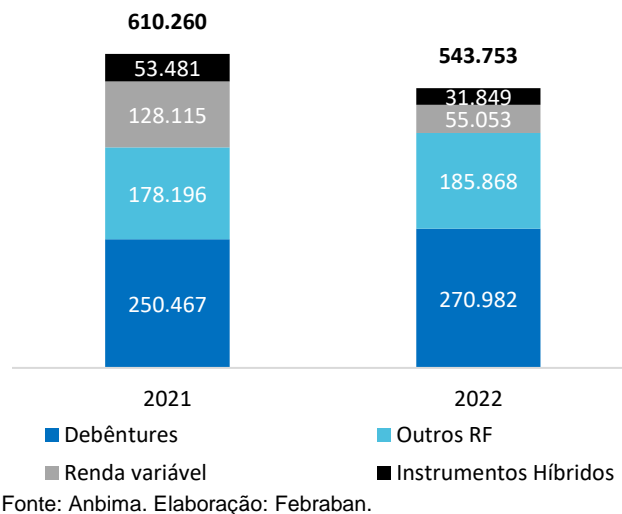
Do lado negativo, as operações de renda variável (IPOs e *follow-ons*) seguiram com baixo dinamismo, diante dos juros elevados. Em 2022 foi realizada apenas uma operação de IPO (NU Holding, registrada no mês de janeiro). Já os *follow-ons* foram mais significativos, atingindo R\$ 54,6 bi (ante 64,5 bi em 2021), mas concentrados na desestatização da Eletrobrás (56,5% do total). Assim, o volume de emissão com instrumentos de renda variável recuou 57,0% ano. Os instrumentos híbridos (FIIs e FIAGROs) também tiveram fraca performance, em especial os FIIs, e recuaram 40,4% ante 2021.

Em geral, o volume de captações seguiu elevado em 2022, mas concentrado em operações de emissão de dívida (renda fixa), enquanto as emissões de capital foram bastante tímidas. Para o início de 2023, não se espera uma mudança significativa de tal cenário, podendo haver alguma alteração no 2º semestre, caso haja redução do risco fiscal e da taxa Selic. Além disso, também será importante ver qual será o novo papel dos bancos públicos, principalmente do BNDES, para entender como isso afetará o mercado de capitais nacional.

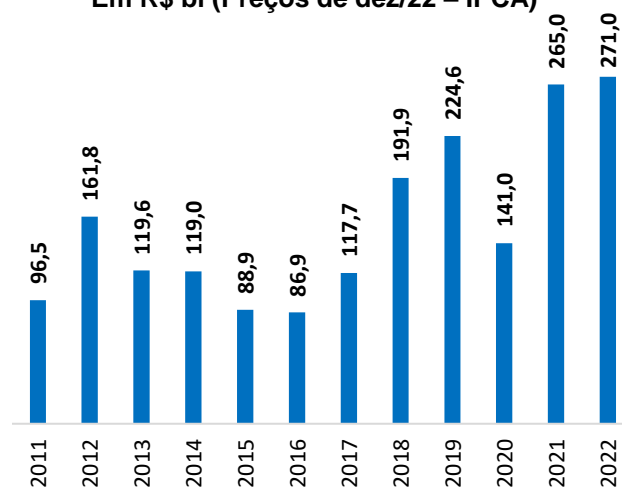
Quadro 10: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais por tipo de instrumento – Em R\$ mi – 2022 vs 2021



Quadro 12: Captações de recursos via Debêntures Em R\$ bi (Preços de dez/22 – IPCA)





INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/jan	IBGE: IPCA-15	Jan/23	0,52% m/m 5,83% a/a	0,52% m/m 5,90% a/a
25-27/jan	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor, Construção e Indústria	Jan/23	-	88,0 pts; 95,3 pts; 93,3 pts
26/jan	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Dez/22	US\$ -0,1 bi	US\$ -0,1 bi
26/jan	BCB: Reunião do CMN	-	-	-
27/jan	BCB: Nota de Operações de Crédito	Dez/22	1,0% m/m* 13,8% a/a*	1,0% m/m 14,7% a/a
27/jan	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Dez/22	R\$ 1,5 bi	R\$ -14,7 bi
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Dez/22	2,9% a/a	3,2% a/a

Fonte: Bloomberg. * Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/jan	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jan/23 – prévia	-20,0 Pts	-22,2 pts
24/jan	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jan/23 – prévia	48,5 pts / 50,1 pts	47,8 pts / 49,8 pts
24/jan	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jan/23 – prévia	46,0 pts / 45,0 pts	46,2 pts / 44,7 pts
26/jan	EUA	PIB	4º tri/22 – 1ª prévia	2,7% t/t (anualizado)	3,2% t/t (anualizado)
26/jan	EUA	Vendas de Casas Novas	Dez/22	-4,7% m/m	5,8% m/m
27/jan	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Dez/22	0,2% m/m -0,1% m/m	0,4% m/m 0,1% m/m
27/jan	EUA	Inflação – Índice PCE	Dez/22	5,0% a/a	5,5% a/a
27/jan	EUA	Vendas de Casas Pendentes	Dez/22	-1,0% m/m	-4,0% m/m
27/jan	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jan/23 – final	64,6 pts	59,7 pts

Fonte: Bloomberg.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2022				2023			
	20/1/23	13/1/23	23/12/22	Viés	20/1/23	13/1/23	23/12/22	Viés
IPCA (%)	5,48	5,39	5,23	▲	3,84	3,70	3,60	▲
PIB (% de crescimento)	0,79	0,77	0,79	▲	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,50	12,00	↔	9,50	9,25	9,00	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,28	5,28	5,27	↔	5,30	5,30	5,26	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	20/01/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,21	2,08%	-1,39%	-1,39%	-4,23%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	246,60	0,73%	-2,93%	-2,93%	13,10%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,66	-0,01%	0,02%	0,02%	37,10%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,48	0,06%	0,24%	0,24%	13,16%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,62	2,88%	-0,15%	-0,15%	13,17%
Índice Ibovespa (em pontos)	112.040,64	0,17%	2,10%	2,10%	2,69%
IFNC (setor financeiro)	10.427,23	-0,33%	1,69%	1,69%	4,54%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	1700,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,17	-1,46%	-5,78%	-5,78%	306,89%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,48	-0,71%	-10,22%	-10,22%	92,83%
Dollar Index	102,01	-0,19%	-1,46%	-1,46%	6,56%
Índice S&P 500 (em pontos)	3.972,61	-0,66%	3,47%	3,47%	-11,38%
Índice de ações de bancos – EUA	114,14	-2,85%	0,04%	0,04%	-12,70%
Índice Euro Stoxx 50	4.119,90	-0,74%	8,60%	8,60%	-4,18%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	104,84	-0,49%	9,37%	9,37%	-1,90%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	87,63	2,76%	2,00%	2,00%	-0,85%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira